

O NEOPENTECOSTALISMO E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA PRATICADA CONTRA AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Murilo Silva Santos¹

José Carlos Almeida Silva Filho²

RESUMO

A intolerância religiosa tem sido um dos problemas amplamente discutidos na contemporaneidade, dado os diversos casos de violência que são apresentados constantemente na mídia. Este artigo tem por objetivo elucidar a questão da intolerância religiosa, principalmente a praticada por neopentecostais aos adeptos das religiões afrodescendentes, sendo este um problema social e que deve ser combatido, visto que ao desrespeitar a liberdade religiosa, tem se desrespeitado a pluralidade existente em nosso país. Esse que é considerado laico, a intolerância religiosa não deveria ser um problema, pois somos multifacetados em nossa maneira de pensar, e isso vale também para as nossas crenças, por isso, o respeito às diferenças é um tema a ser discutido e essencial à convivência em sociedade.

Palavras-chave: Pluralidade religiosa; Intolerância religiosa; neopentecostalismo; religiões afros.

INTRODUÇÃO

[...] ame a sua arte, creia na sua religião e faça a sua parte, mas não use sua religião pra tentar reprimir o outro, somos sete bilhões de mentes no mundo e

¹ Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória (FUV - ES). Especialista em Ensino da Geografia, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM - RJ). Graduado em Geografia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC - BA). E-mail: murikovic@hotmail.com

² Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória (FUV - ES). Especialista em Atividade Física e Saúde (FTC- BA). Possui licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB - BA). E-mail: almeidashow@bol.com.br

querer que todo mundo creia na mesma coisa é no mínimo papo de louco. Mariana Sousa

Na epígrafe, é notório que a poetisa Mariana Sousa, ou AnaMari como também ela gosta de ser chamada, ressalta o respeito que se deve ter à pluralidade religiosa existente em nosso país bem como o combate à intolerância religiosa. Trata-se de um pequeno fragmento de uma poesia a qual é intitulada “Por que sim?”. Segundo a escritora a poesia foi escrita após ela ter vivenciado várias experiências de intolerância religiosa.

A intolerância é uma questão que na contemporaneidade proporciona crescente visibilidade pública, e por isso, abordaremos o tema iniciando por falar do pluralismo religioso, que entendemos ser de suma importância para o entendimento da diversidade religiosa assim como o respeito a essa pluralidade, o que infelizmente, não tem acontecido.

Para tanto, discorreremos sobre espaços de ocupação das religiões neopentecostais e as afrodescentes, o surgimento de Novos Movimentos Religiosos que encontram nessas alterações sociais um ambiente propício ao seu desenvolvimento visto que cada dia mais pessoas buscam na religião refúgio para os desafios da atualidade. Além desses pontos, outros ainda serão abordados neste trabalho no sentido de elucidar as questões de intolerância religiosa, especialmente a praticada pelos neopentecostais contra os praticantes das religiões afros. A liberdade religiosa é um direito resguardado pela Constituição Federal e, como todo direito, é preciso que haja respeito e cumprimento da lei.

Os casos de intolerância religiosa contra os seguidores das religiões afrobrasileiras têm crescido bastante com a ascensão das igrejas Neopentecostais, por isso esse tema será abordado ao decorrer deste trabalho.

PLURALISMO RELIGIOSO

Os seres humanos são distintos de acordo com a história, etnicamente, linguisticamente, do mesmo modo, diferentes religiosamente. A pluralidade é um fato inegável. Ela está presente entre áreas religiosas com questões em comum, a exemplo de

judeus e muçulmanos; permanece entre ateus e religiosos; entre formas próprias de religião a exemplo de cristãos e budistas; entre demonstrações inseridas em uma mesma religião, a exemplo dos católicos carismáticos e dos adeptos da Teologia da Libertação; e mesmo entre expressões histórico-geográfico da mesma crença, a exemplo de católicos espanhóis e católicos norte-americanos.

Da mesma maneira que não é possível entender o ser humano isoladamente, assim também é impossível compreender uma cultura que não tenha entrado em contato com outras. É presumível dizer, por conseguinte, que a alteridade é um acontecimento universal. Assim, é necessário que as diferentes tradições organizem quadros para estabelecer relações e semelhanças para entender com a inteligência o outro (SANCHEZ, 2005, p.16).

No campo de ação da procura religiosa, o ser humano já estabeleceu e permanece estabelecendo díspares e diversas explicações à problemática da origem e da existência. De procuras e explicações se produzem distintas visões acerca do(s) ser(es) sagrado(s), na qualidade de representação(es) ou fonte(s) da criação, em volta do qual se instituem valores e fantasias, mandamentos ou modelos de reflexão conexas com o campo do sobrenatural. As religiões, assim, estão presentes no comportamento humano. Deste modo, ainda que desiguais, elas têm um ponto em comum: procuram relacionar o ser humano ao mundo metafísico.

Nunca houve no decorrer da história humana uma religião que conseguisse eliminar todas as manifestações contrárias as suas e se tornar única. Atitudes intolerantes sempre foram praticadas com o objetivo de eliminar as crenças alheias, neste sentido, a combinação entre Estado e Igreja é um desses moldes de intransigência, o que nos deixou uma história de horror e violência. No passado, o estado determinava uma fé como oficial e suprimia as diferentes. Na atualidade, muitas desavenças seguem sendo mantidas a partir de convicções ou perante o argumento de crença, como acontece no Oriente Médio ou na Irlanda.

Na sociedade contemporânea, devido ao molde de democratização abraçado pelo Estado, a religião tem se ampliado velozmente, tornando a impregnar-se até mesmo no ambiente público. Em decorrência do desenvolvimento do campo religioso, aparecem discórdias entre as religiões, sendo que inúmeras dessas partem para cometer abusos e

brutalidades, com finalidade de proteger a sua crença religiosa, entendendo esta como incontestável e verdade única.

Uma das principais descobertas que se faz no começo da vida humana é exatamente a do caráter de distinção que há entre os indivíduos. Aos poucos desvendamos que as pessoas têm qualidades que as diferenciam uma das outras, o que serve igualmente para as culturas. É a experiência da alteridade (SANCHEZ, 2005, p.16).

Não há conhecimento religioso “absoluto”, nem existe superioridade pertencente a alguma religião. O afastamento do Estado e Igreja possibilitou que múltiplos segmentos religiosos viessem aparecendo na coletividade, que além de terem garantido a divulgação de sua fé, se livraram da influência do Estado nas questões interiores.

A disseminação do pluralismo religioso acontece em virtude da secularização e do surgimento do estado laico. Para o pluralismo religioso ser aceito na sociedade é necessária uma laicidade do estado, nessa sociedade existirá desobstrução para opção sem intromissões exteriores, pois o secularismo está baseado em um estado democrático. Nesta perspectiva não há mais um privilégio exclusivo de uma religião, mas um desimpedimento a um novo modelo que aprecia a multiplicidade religiosa e a autonomia do sujeito. Sobre o tema Sanchez discorre:

Convém ressaltar que na sociedade moderna o grande passo para o pluralismo em geral, e para o pluralismo religioso em particular, foi justamente o processo de secularização entendido como uma ruptura do monopólio de interpretação possuído pela Igreja católica romana – que dava a ela condição de guardadora de valor e de toda a autoridade -, e a abertura à dimensão da escolha, da responsabilidade e do agir humanos. Na medida em que o mundo e as instituições são permeados por um caráter sacral, a-histórico, a realidade é vista como impermeável à ação das pessoas e dos grupos sociais. Nesse caso, a concepção predominante da natureza e da sociedade é monolítica e centrada na autoridade. Com a secularização e a afirmação do sujeito como a instância de decisão, na sociedade moderna, temos a origem do pluralismo religioso (SANCHEZ, 2005, p.38).

Para Sanchez (2005) na sociedade moderna o fato essencial para o pluralismo foi precisamente o desenvolvimento da secularização percebido como interrupção do privilégio exclusivo de explicação que pertencia à Igreja católica romana (SANCHEZ, 2005. p. 39-40). Na modernidade os indivíduos usam o pensamento da maneira que achar mais adequada para enfrentar os problemas cotidianos. A pluralidade é a manifestação da riqueza da meditação humana. É o consentimento da pluralidade da reflexão de sujeitos

ou Conjunto de pessoas que por sua vez tem o livre-arbítrio de proclamar o seu pensamento. Relacionado a essa alteração social, Sanchez afirma que:

A ruptura do monopólio religioso não traz apenas mudanças para o campo religioso, mas, sobretudo, altera as representações da realidade. O ser humano moderno, ao olhar o mundo, já não absolutiza a dimensão religiosa e, portanto, observa a realidade fora dos limites impostos pelo modelo religioso medieval. Se antes o seu olhar era unívoco, agora ele é plural. Se antes o seu olhar era mediado pelo universo religioso, agora é mediado pela razão. Se antes o seu olhar percebia o mundo de forma encantada, agora o mundo é percebido de forma desencantada (SANCHEZ, 2005, p. 41).

Perante essa conjuntura, ações violentas ou hostis não estão entre as finalidades da religião. Em virtude do pluralismo religioso, todas as pessoas têm que se comprometer de admitir a escolha do outro, aceitar a diversidade e ter respeito às identificações diversas.

A discriminação pode ser percebida desde os espaços ocupados pelas religiões de matriz africana até ao conceito de religião do bem e a do mal, sendo as neopentecostais consideradas a de origem boa e as de matriz africana más. Entretanto, tais conceitos devem ser reavaliados para que atos de violência não sejam praticados em nome da defesa do “bem” em detrimento do “mal”.

A CONSTITUIÇÃO FEDERAL E A LIBERDADE RELIGIOSA

A diversidade leva ao pluralismo, e o pluralismo religioso deveria ser certificado como conjunto de bens universal, que consente aos distintos o seu próprio progresso, o desenvolvimento de sua personalidade e a declaração de seus direitos. Debatendo acerca do Estado Laico, a questão da Liberdade religiosa é um tema para discussão. Para reflexão acerca do objeto é necessário analisar a definição sugerida pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948:

Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular (REIMER, 2013, p. 28).

A liberdade religiosa aparece como um dos direitos fundamentais do cidadão em Estados democráticos de direito, e tanto as constituições quanto os vários tratados

internacionais destacam a liberdade religiosa como uma prerrogativa individual, de foro íntimo da pessoa humana, assim é dever do estado a defesa dessa liberdade.

O Artigo 5º da constituição da república do Brasil de 1988 trata o tema da seguinte maneira: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias” (REIMER, 2013, p. 29).

Atribui-se ao estado as obrigações positivas e as negativas em relação à liberdade religiosa, as positivas consistem em resguardar o direito individual em caso de eventuais transgressões por parte de particulares e até por autoridades ou agentes públicos. A obrigação negativa é que de abster-se nas áreas íntimas do cidadão. (REIMER, 2013, p. 30).

Na constituição de 1988, a promoção da dignidade humana foi posta como um dos objetivos da república e apresenta como elemento norteador um ideário de superação às situações impostas pela ditadura militar. Antes da chegada dos colonizadores ao território brasileiro, havia uma grande diversidade cultural que foi exterminada pelos portugueses que implantaram um projeto de dominação de matriz católica, e que buscava eliminar as religiões consideradas pagãs. Esse aspecto foi um ponto crucial para o acirramento da intransigência e também marca a nossa história e gera atos intolerantes na atualidade.

NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS (NMRs): PERPETUAÇÃO DO ÓDIO

A partir dos anos 1960, aconteceu uma modificação expressiva no quadro religioso, com a propagação de novos movimentos religiosos e de outros movimentos de caráter mais extremistas. Este significativo evento tem interessado a muitos cientistas sociais. Mas, devido a sua grande importância e do significativo impacto na sociedade, também ganha uma ampla evidência na comunicação social (GUERRIERO, 2006. p. 37).

Novos Movimentos Religiosos (NMRs) é uma concepção sociológica que surgiu nos anos 1950 para indicar e trocar a antiga tipologia Igreja-Denominação-Seita-Culto. Os NMRs, que cresceram no fim dos anos 1960, sobretudo nos Estados Unidos, Brasil, Europa e Japão, são consequências das intensas alterações sociais e culturais observadas logo após a II Guerra Mundial (GUERRIERO, 2006. p. 37).

Refletir acerca da aparição e da evidência dos NMRs consiste imaginar o começo de uma situação irreversível. Os NMRs, conforme Guerriero, constituiria apenas uma parte perceptível de uma enorme modificação em andamento na vida social e que haverá respostas progressivas em diversos domínios da sociedade, entre elas as grandes religiões tradicionais, isto é, os NMRs são as representações das modificações religiosas, sociais e culturais acontecidas nas últimas décadas (GUERRIERO, 2006, p. 63).

Alguns exemplos desses Novos Movimentos Religiosos são: Igreja Adventista do Sétimo Dia, as Testemunhas de Jeová, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons), a Ciência Cristã, Fé bahá'í, Legião da Boa Vontade, Nova Era, Santo-Daime, Seicho-No-Ie, União do Vegetal, entre outros. É possível a inclusão do Movimento Carismático Católico e o Neopentecostalismo. No entanto, Guerriero destaca a complexidade dessa classificação, porque tanto a renovação carismática quanto os neopentecostais estão presentes no cenário religioso brasileiro atual de forma intensa e não integram mais uma novidade no quadro religioso (GUERRIERO, 2006, p. 96-98).

Podemos perceber algumas características comuns aos NMRs, apesar da grande diversidade entre eles. Sobre os NMRs, Guerriero afirma:

Os novos movimentos religiosos não podem ser vistos nem como ameaças às religiões estabelecidas, nem como modismos passageiros, mas a partir das mudanças em curso nas sociedades em que eles surgem e se desenvolvem. Assim, a grande novidade não está nos NMRs, mas na própria sociedade (GUERRIERO, 2006, p.109).

A origem desses movimentos normalmente se dá por meio de um líder de forte personalidade, que se autodeclara portador de uma profecia. Eles se autoproclamam universais, mesmo sendo uma mensagem de um segmento étnico específico. Os grupos mais sectários exigem uma ruptura radical do novo membro com seus costumes passados (GUERRIERO, 2006, p. 75-77).

Alguns desses movimentos tendem a inflamar o ódio das pessoas fazendo com que se crie uma hostilidade com relação a indivíduos adeptos das religiões afros, perpetuando cada dia mais o ódio e o desrespeito à liberdade religiosa.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA PRATICADA CONTRA AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFROBRASILEIRA

A composição do campo religioso brasileiro surgiu com início na confluência entre distintas tradições religiosas, derivando um sincretismo particular, tal situação não tem colaborado para uma desobstrução ao diálogo entre os inúmeros credos religiosos que o constituem. Analisado a atual configuração, é observado que determinados grupos religiosos, se comprometem a proteger suas fronteiras e apoiar-se em atitudes agressivas e aversão contra diferentes designações religiosas.

Em 2007, Vagner Gonçalves da Silva publicou um livro intitulado *Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afrobrasileiro*, dedicado em pesquisar o choque causado pelo crescimento das igrejas neopentecostais, o que esse fato tem gerado a partir dos anos 1990, no campo religioso brasileiro.

Nas últimas duas décadas tem aumentado os ataques contra as religiões afrobrasileiras aplicados sobretudo pelas igrejas neopentecostais, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD. Entre os fatores responsáveis pelas agressões é destacado: a disputa por fiéis pertencentes a um mesmo quadro socioeconômico, a evangelização proselitista empregada pelas igrejas neopentecostais - sendo destacado os grandes valores empregados nos meios de comunicação de massa, e da perspectiva de observação simbólica, como afirmação de uma cosmologia maniqueísta, as religiões afrobrasileiras são consideradas o mal na terra a ser combatido por “soldados de Jesus” (SILVA, 2007).

Os casos de intolerância têm ganhado visibilidade e são divulgados através de jornais com certa frequência. Do mesmo modo, as reações a esses ataques também têm sido constantes, através de processos criminais apresentados por pessoas físicas, ou até mesmo por instituições públicas como ONGs ou Promotorias públicas. Assim, os casos de intolerância contra as religiões de matriz africanas têm saído do anonimato e ganhado grandes repercussões e de uma certa forma tem provocado reações de grandes setores da sociedade (SILVA, 2007. p. 9-10).

Ao longo dos anos são muitas hostilidades praticadas contra as religiões afrobrasileiras, sejam agressões por meio das mídias televisas nos programas de denominações pentecostais, seja dentro dos próprios cultos neopentecostais, em combate aos eventos religiosos públicos das pessoas adeptas do candomblé, umbanda dentre outras

religiões de origem africana, como também ataques no próprio local de culto (SILVA, 2007, p.14).

Influídos pela crença de que as religiões afro são as responsáveis por todo mal existente, muitos adeptos ao neopentecostalismo partem para destruição de altares, invasão de terreiros, sendo estas atitudes uma violência e deve ser criminalizada como qualquer ato violento (SILVA, 2007, p.12).

Um caso recente de invasão e destruição de terreiros aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 12 de Setembro e foram noticiados pelas grandes mídias. Os traficantes “evangélicos” invadiram terreiros de candomblé com porretes e armas e obrigaram as pessoas destruírem o local e os objetos que lá estavam. Além do mais, em todo o momento da ação eles usavam termos “evangélicos” para tentar justificar o vandalismo. (O DIA, 2017).

Uma das falas de um traficante chocou os moradores da baixada fluminense: “é só um diálogo. Da próxima vez eu mato. Safadeza, pilantragem. Que bandeira branca é essa? Bandeira aqui é do TCP (sigla da facção criminosa), p* ou de Jesus Cristo” (O DIA, 2017).

De acordo com o jornal “O Dia” a onda de violência que ocorreu no Rio de Janeiro, principalmente na Baixada Fluminense e fez antecipar a criação da Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), a qual estava prevista para iniciar a pelo menos três meses, conforme o deputado estadual Átila Nunes (PMDB) , que se reuniu no dia seguinte ao vandalismo supracitado com o secretário estadual de Segurança Pública, Roberto Sá e o Secretário de Direitos Humanos e Políticas para Mulheres e Idosos, para discutirem sobre a intolerância religiosa praticada (O DIA, 2017).

A despeito das invasões e destruições dos terreiros, o integrante da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, Ivanir dos Santos (O DIA, 2017), destaca:

A liberdade religiosa está sendo ameaçada por traficantes travestidos de evangélicos. Segundo os dados do Disque 100, entre os anos 2011 e 2015 foram registrados 131 casos de intolerância. Precisamos nos unir e também caminharmos juntos em nome das humanidades, pluralidades e tolerâncias. Não podemos deixar que o ódio, arraigado pela intolerância, cresça em nossos corações. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, origem e religião. Se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar (O DIA, 2017).

A raiz de todo problema da intolerância, consiste justamente na falta de amor ao próximo como bem destacou Ivanir. Infelizmente ao invés de ensinarem amar, muitos líderes religiosos têm inflamado o ódio, contrariando assim ao que diz a Bíblia, principal manual de fé dos que se intitulam “evangélicos” (O DIA, 2017).

Como destaca a poesia de Mariana Souza (GLOBO,2016), o respeito deveria ser visto como religião e ao invés das pessoas discutirem acerca de quem são detentoras do bem e do mal deveriam olhar para o semelhante que passa frio ou está desamparado:

[...] religião vem do latim religare que significa união, então pare de dividir o mundo entre os que vão e os que não vão para o paraíso, o nosso mundo tá doente em tudo enquanto nós perdemos tempo brigando por isso, ao invés de dividir as religiões entre as que são do mal e as que são do bem, que tal botar sua ideologia no bolso e ajudar aquele moço que de frio morre na rua desamparado e sem ninguém, os grandes mestres já disseram que precisamos de união, então porque não fazer do respeito também uma religião (SOUZA, 2016).

Sendo assim, a religião deveria servir para unir as pessoas e não para promover a segregação dos povos, ainda que não detenham das mesmas crenças o respeito e o amor ao próximo deveria ser preservado. No entanto, o que se vê, são pessoas massacrando em nome de seu “deus” e/ou sua religião.

ESPAÇO SAGRADO DAS RELIGIÕES PENTECOSTAL E CANDOMBLÉ

A geografia cultural colabora, para o entendimento das religiões afrobrasileiras e seu processo de construção e sacralização do espaço habitado, que neste momento é exemplificado no terreiro de candomblé.

A forte presença de elementos geossimbólicos atribui ao terreiro um significado, uma identidade e também uma espiritualidade, cujo ápice é declarado na geração de um agrupamento de representações simbólicas que produzem um tecido de significações e que se integram a um ordenamento inesgotável de fluxos e fixos, julgados cruciais para organização do espaço sagrado (COSTA, 2010, p. 35-60).

O sagrado que está sendo representado pelas cidades-santuários pode ser classificado como lugares onde o simbolismo religioso permite um conjunto de componentes geossimbólicos formados por santuários, esculturas, mananciais, lagos,

trajetos devocionais etc., formando uma conexão com o homem religioso, aproximando-o de sua existência cotidiana (ROSENDAHL, 2010, p. 41).

Os terreiros de candomblé procuram se organizar de modo a abrigar na sua estrutura a força regente dos Orixás, com isso se utiliza dos conhecimentos da geografia. Assim, as construções nesses ambientes, de maneira simbólica, abrigam os fenômenos naturais e seus respectivos deuses: chuva (Nanã), relâmpago (Iansã), trovoadas (Xangô), enchentes (Oxum), maremotos (Iemanjá), terremotos (Obaluaiê) dentre outros, pois cada Orixá está ligado a um elemento da natureza e aos fenômenos a ele relacionados. Partindo desses pressupostos, pode-se dizer que a geografia está relacionada diretamente com a religião do candomblé. Cotidianamente, os povos de terreiros convivem com ela. O universo, os astros, o relevo, o clima, a vegetação, a hidrografia que é trabalhada nesta área do conhecimento, se relaciona com os Orixás (BORGES, et al, 2017, p. 81).

O espaço geográfico do terreiro é constituído de duas dimensões: O espaço profano, geralmente povoado pelas pessoas que frequentam e o espaço sagrado, destinado ao culto dos Orixás. Esse segundo espaço, tem duas dimensões. Um, fechado, formado de construções, pejis (altares), quartos de consultas, barracões etc. O outro, espaço aberto, com árvores, arbustos, plantas. Cabe ressaltar que o espaço avaliado profano está fragmentado em lugares múltiplos, de acordo as exigências da comunidade: cozinha, refeitório, despensas, lavador de pratos, lavanderia, depósitos, criatório de animais, residência de caseiro, reservatório de água entre outros.

As igrejas pentecostais transformam o espaço, tomando posse dele no intuito de controlar. Nessa perspectiva, a profanação de espaços alheios é uma investida, pois quanto mais agressivos forem as ofensivas praticadas contra as outras congregações, as que atacam tende a tornar-se mais fortes.

Os templos religiosos das diversas denominações pentecostais localizam-se dispersas pelo espaço urbano, do qual grande parte, estabelecem-se em compartimentos comerciais, em sua maior parte arrendados, nas regiões de grande centralização comercial da localidade (OLIVEIRA, 2012, p. 156).

O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismo que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital da sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura (CORRÊA, 2001, p. 32).

O aparecimento de atos de intolerância são marcantes em bairros de condição socioeconômica baixa, causado principalmente pela disputa por fiéis na guerra pela expansão territorial das igrejas neopentecostais, que se consolida com as projeções sucessivas de templos religiosos. O desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil deve-se, especialmente, à intensidade de conflitos sociais e econômicos, bem como o crescimento do desemprego, da violência e da criminalidade (MARIANO, 2008, p. 48-58).

Nesse sentido percebemos que de um lado as igrejas neopentecostais se localizam estrategicamente em lugares de grande visibilidade e vem seguindo uma visão de expansão para as periferias; enquanto os terreiros estão localizados mais afastados dos grandes centros, tal posição demonstra a importância que a natureza exerce dentro das religiões de matriz africana e faz com que sua localização seja mais comum próximo às áreas segregadas de contato fácil com a natureza, mas não os salvam de olhares e ações de indivíduos intolerantes.

ESPAÇO SAGRADO, ESPAÇO PROFANO

Em sua obra, Mircea Eliade afirma que as coisas sagradas constituem por excelência uma realidade. O discurso religioso aparece como uma força compulsiva e imprevisível que reafirma essa realidade. O poder do sagrado ao se manifestar em um lugar qualifica-o como espaço sagrado (ELIADE, 1992).

O sagrado é indicado como lugar onde o homem religioso eleva-se acima de si mesmo, existe neste local um campo de forças onde o homem consegue ligar-se a(s) sua(s) divindades através dos símbolos e ritos. O homem religioso movimenta-se no espaço sagrado (cosmo), reproduzindo assim a ideia de hierofania primordial, estando assim fechado ao mundo profano (caos). (ROSENDAHL, 1996, p. 30).

Rosendahl atesta que há entre os homens um conjunto de práticas e ritos que resiste ao tempo e que possui origem mística ou religiosa, sendo assim, os objetos e espaços adquirem um status de sagrado, tanto em sua forma quanto na localização. A partir dessas ideias ela tenta definir as características deste lócus, determinando a ideia de sagrado e sua manifestação no espaço. O espaço sagrado é visto como um campo de

forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, deste modo, o ser é elevado a um meio distinto daquele que ocorre sua vida social. O sagrado exerce a função de mediador entre o crente e sua divindade. O espaço sagrado permite ao homem entrar em contato com a transcendência. Assim, a importância de espaços sagrados é iminente na sociedade, visto que é um ponto de encontro entre o fiel e seu(s) deus(es), as religiões imprimem um papel de destaque a certos espaços que no decorrer da história ganharam significação e dessa forma assumem importância na vivência e territorialidade e se tornam centros de convergência e irradiação de pessoas e conseqüentemente apresentam-se como objetos de estudo da geografia. (ROSENDAHL, 1994, p. 42.)

Em contraposição ao espaço sagrado está o espaço profano, que é o espaço da vida cotidiana, onde as pessoas valorizam a não homogeneidade específica da experiência religiosa do espaço. Os espaços profanos podem ser definidos como “lugares sagrados” da vida cotidiana, do homem não religioso, entre esses podemos citar a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não religioso, uma qualidade excepcional, “única”. (ELIADE, 1992, p. 18)

A religião se manifesta de forma material e imaterial no jogo simbólico-temporal entre espaço sagrado e espaço profano, além de aparecer até mesmo no conflito dos crentes com os não crentes (FRANGELLI, 2010, p. 53). O entendimento dessa categoria para a geografia deveria ser, identificar esse lócus qualitativamente diferente, para depois analisar especificamente cada pesquisa. O espaço sagrado apresenta-se diametralmente oposto ao espaço profano, enquanto o sagrado está completamente associado ao divino, o outro não. A hierofania é o termo utilizado para identificar a manifestação do sagrado entre os homens, através da aceitação da hierofania o homem religioso olha para um objeto sagrado e não vê o seu real significado, mas o que ele representa. A hierofania é a manifestação do sagrado num objeto qualquer. (ROSENDAHL, 1996, 27).

Para determinar práticas de vivência, modos de percepção e concepções simbólicas, Rosendahl argumenta que os estudos baseados na experiência religiosa pessoal e os que evidenciam sentido do lugar são importantes, pois fornecem a dimensão espacial do sagrado, além de permitir a compreensão dos problemas mais específicos da valorização subjetiva. Há uma necessidade de estudo da religião para explicar os aspectos que produzem e reproduzem o lócus religioso. Os objetos de estudo do geógrafo devem

ser organizados a partir de análises da composição, escolha de determinados objetos, símbolos e moralidades de cunho religioso em espaços e tempos qualitativamente diferenciados. (ROSENDAHL, 1994, p. 34.)

O espaço sagrado é produto da experiência religiosa concreta e, assim, não seria possível nesse contexto a separação, pois o conteúdo é o que vai indicar a posição que o homem religioso terá. Assim, o espaço concreto percebido e o espaço sagrado são contrários quanto à descrição universal, embora é vivido dessa forma. Para cada reação no espaço sagrado, valores afetivos específicos são direcionados, essa valorização da intuição que distingue o espaço sagrado do espaço profano. (GIL FILHO, 2008, p. 73)

Portanto, a partir do que foi dito, pode-se presumir que o fator determinante para que um lugar seja considerado sagrado ou profano são as experiências vivenciadas por um grupo de pessoas que as conecta com sua espiritualidade, independente da crença de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciou-se este artigo com um fragmento da poesia de Mariana Souza, ou Anamari como ela assina suas poesias, e nele ela discorre acerca da importância de se respeitar a pluralidade religiosa existente em nosso país. Seu ponto de partida é justamente a diversidade de pessoas, haja vista que somos em bilhões e não se pode exigir que todos tenham as mesmas crenças, os mesmos pensamentos.

Discutiu-se neste trabalho muitos pontos importantes acerca da intolerância religiosa e o combate à mesma. Sabemos que vivemos num país multifacetado, ou seja, várias etnias, diversas culturas, raças. Desse modo, não se pode esperar que de um país plural vigore apenas uma crença, uma mesma religião. Portanto, a pluralidade étnicacultural deve também ser avaliada e respeitada.

Sabemos que o preconceito e o desrespeito ocorre sempre quando alguém professa alguma ideia contrária à maioria e no que diz respeito à intolerância religiosa os adeptos das religiões afrobrasileiras são os principais alvos do desrespeito e intransigência, que são propagados em canais de televisão comandados por líderes pentecostais e/ou neopentecostais; por mídias sociais; dentro de algumas igrejas, as

quais influenciam muitos “cristãos” a agir com hostilidade aos adeptos de outras crenças religiosas.

Ao longo do trabalho vimos que tudo na sociedade converge para que as religiões afros sejam consideradas uma afronta, desde a localização dos templos cristãos e os terreiros, até os conceitos de bem e mal que são propagados dentro e fora das “igrejas”, sendo que nesta visão deturpada e preconceituosa o bem é relacionado às igrejas “cristãs” e o mal às demais religiões e especialmente ao candomblé, umbanda e outras relacionadas a estas.

Vimos que muitos dos novos movimentos pentecostais que surgiram contribuíram para perpetuar e inflamar o ódio às pessoas que professam crenças diferentes da maioria, entre esses movimentos destaca-se a Igreja universal do Reino de Deus (IURD), a qual tem inflamado o ódio dos fiéis para com os que professam a fé pautado nas religiões afrobrasileiras.

A boa convivência entre as pessoas começa pelo respeito, respeito à língua, cultura, etnia, cor, à religião, enfim, a todas as disparidades. Somos diferentes uns dos outros e essas diferenças precisam ser respeitadas para que se construa uma sociedade justa e igualitária.

Diante do exposto conclui-se que não podemos de forma alguma fechar os olhos para o ódio perpetuado ao longo dos anos direcionado às pessoas adeptas de religiões afrobrasileiras. Essas pessoas são hostilizadas, violentadas constantemente, algo que deve ser combatido energicamente.

REFERÊNCIAS

BORGES, Luzineide Miranda; CAPUTO, Stela Guedes, OLIVEIRA, Raimundo Nunes. A organização geográfica do terreiro de candomblé contribuindo para ensino da geografia. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 79-94, 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/15043>. Acesso em: 17 mai. 2017.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

COSTA, Otávio José Lemos. Hierópolis: o significado dos lugares sagrados no sertão cearense. In: ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Trilhas do sagrado. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 35-60. P.45.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANGELLI, Patricia. Estudando um subcampo intelectual acadêmico: a geografia da religião no Brasil (1989-2009). 2010. 122p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:
http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1438. Acesso em: 26 mai. 2017.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espaço sagrado: estudos em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

GLOBO. Tudo começa pelo respeito: Mariana Sousa. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=YhscgZvARow>>. Acesso em: 02 Out. 2017.

GUERRIERO, Silas. Novos Movimentos Religiosos: O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

MACHADO, Mônica Sampaio. A territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói. Revista Brasileira de Geografia, n. 56 (1/4), p. 135-164, 1994, p. 158.
Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6773>. Acesso em: 16 mar. 2017.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. In: Revista de Estudos da Religião, REVER/PUC-SP, dez/2008, pp. 48-58. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.htm. Acesso em 06 out. 2017.

O DIA. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-09-13/luta-contra-a-intolerancia.html>> Acesso em: 02 out.2017.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. ESPAÇO E RELIGIÃO, SAGRADO E PROFANO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A GEOGRAFIA DA RELIGIÃO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.34, v.2, p.135-161, ago./dez.2012.

REIMER, H. Liberdade religiosa na história e nas Constituições do Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2013.

ROSENDAHL, Z. Espaço e educação na geografia cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/8090/5875>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

ROSENDAHL, Z. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Pluralismo religioso: as religiões no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves. Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007.